

REMATE DE MALES

Campinas-SP, v.41, n.1, pp. 284-293, jan./jun. 2021

LAKS, DANIEL MARINHO. *MODERNISMOS EM MODERNIDADES INCIPIENTES: MÁRIO DE ANDRADE E ALMADA NEGREIROS*. SÃO CARLOS: EDUFSCAR, 2020.

**DE COMO O ENSAIO PODE SER UM ENGATE OU UM MÉNAGE À TROIS
(OU MAIS, A DEPENDER DO GOSTO DO LEITOR)**

Jorge Vicente Valentim¹

Numa pequena “Nota de abertura” a uma recolha de ensaios seus, o crítico e investigador português João Barrento (1996), ao tentar explicar a natureza dos textos reunidos em *A palavra transversal: literatura e ideias no século XX*, destaca o aspecto particular da não linearidade na práxis discursiva do gênero ensaístico. Segundo ele, não é de todo estranho o fato de se poder encontrar na produtividade reflexiva dessa categoria a mistura de campos epistemológicos numa cumplicidade capaz de explicitar oscilações e, conseqüentemente, neutralizações de pretensas fronteiras estruturais e estruturantes muito definidas.

¹ Professor Associado de Literaturas de Língua Portuguesa (Subáreas: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) do Departamento de Letras e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Coordenador do Grupo de Estudos Literários Portugueses e Africanos (Gelpa/CNPq) da mesma IES e vice-presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (Abraplip) – Gestões 2016-2017 e 2020-2021. Finalista do Prêmio Jabuti 2017, na categoria “Teoria/Crítica Literária, Dicionários e Gramáticas”, com a obra *“Corpo no outro corpo”: homoerotismo na narrativa portuguesa contemporânea* (EdUFSCar, 2016): <jvvalentim@gmail.com>.

Desse modo, conclui João Barrento, a respeito dos seus textos, que “a marca dominante, que poderá ser vista como um dos traços distintivos do próprio ensaio, é a sua obliquidade em relação a padrões discursivos mais ou menos estabelecidos – “o ‘estudo’, o ensaio, a crítica, o comentário...” (BARRENTO, 1996, p. 9). E vale destacar que tal multiplicidade dessa categoria textual muito se aproxima da matéria escolhida como objeto de investigação: o século XX e a sua produção cultural e intelectual. Ou seja, pensar a faixa de Novecentos requer uma sensibilidade para perceber seus “diversos e dispersos discursos estéticos”, “seus perfis, também eles, oblíquos e múltiplos”, a sua “explosividade contraditória”, a “natureza rizomática do húmus” e, como não poderia deixar de ser, as suas heranças no século anterior, “um tempo cuja complexidade muitas vezes se esquece, alfobre que, no mesmo fôlego, foi capaz de ser epígono e seminal” (BARRENTO, 1996, pp. 9-10).

Ora, nada mais justo que recordar essas sábias lições do reconhecido professor português para tecer algumas breves considerações sobre o título que vem à lume, de autoria de Daniel Marinho Laks, professor e pesquisador da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no seu recente título publicado *Modernismos em modernidades incipientes: Mário de Andrade e Almada Negreiros*.

Como o próprio título já indica, trata-se de um longo e detido trabalho sobre as presenças de dois escritores seminais nas primeiras décadas do século XX nas literaturas brasileira e portuguesa, a partir de suas inserções em correntes estéticas dos modernismos nas duas margens do Atlântico, e em contextos socioculturais ainda demarcados por uma profunda incipiência no tocante aos projetos políticos de entrada do Brasil e de Portugal numa efetiva aventura da modernidade.

Resultante de sua tese de doutorado, defendida em 2016, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Montauray Baptista Coutinho – a quem, com muita justeza, o autor agradece em dedicatória –, a presente obra de Daniel Marinho Laks pode ser pensada na mesma dimensão daquele cruzamento de campos epistemológicos e de saberes em constante interlocução, tão frisados por João Barrento, sobre o atributo das barreiras esfumadas em textos de natureza reflexiva. Quero com isso dizer que *Modernismos em modernidades incipientes* já propõe essa dualidade na disposição comparativa entre os escritores Mário de Andrade e Almada Negreiros, ou seja, entre dois autores de dois contextos

de língua portuguesa muito distintos entre si, apesar da irmandade da língua.

E, para além desse visível dispositivo dialogante, também Daniel Marinho Laks espraia sua linha de pensamento entre campos das Humanidades com os quais deixa transparecer uma intimidade muito forte: a literatura, a filosofia e a sociologia. Mas não deve o leitor cair na armadilha, achando se tratar de mais um trabalho acadêmico ou mais uma proposta de análise comparatista de pura aproximação estético-temporal. A singularidade da análise do jovem pesquisador está exatamente na sua capacidade de “pensar os modernismos como respostas particulares a uma conjuntura de crises, específica do século XX, que eclodiram em diferentes momentos e espaços geopolíticos” (p. 13). Assim, com essa perspectiva particular, é proposta uma análise mais abrangente que mostra o modo como os

[...] diversos projetos modernistas articulavam-se com conjunturas internas de cada país, ao mesmo tempo que respondiam a pressões externas em um campo de contingências em que, cada vez mais, os acontecimentos em um lugar refletiam numa dinâmica de trocas internacionais (p. 13).

Ou seja, aqui já é possível detectar uma promessa introdutória (que, conforme se constatará, se cumpre de forma plena e robusta) de uma transversalidade entre duas instâncias discursivas: de um lado, o *científico*, porque cumpre as prerrogativas de uma tese de doutoramento, e de outro, o *ensaístico*, porque, com algumas sensíveis alterações para esse tipo de publicação, convida e incita a uma reflexão não só sobre os autores, mas também sobre os seus contextos culturais e sobre os seus cenários geopolíticos. Logo, é como um denso e espraído ensaio que *Modernismos em modernidades incipientes* pode e deve ser lido.

Não à toa, o segundo capítulo (“Modernos, modernidades e modernismos”) oferece ao interessado e ao pesquisador dos conceitos articulados uma dinâmica muito particular porque foge dos eurocentrismos, daquela hierarquia e hegemonia responsáveis por centralizar todas as atenções nos modernismos europeus, desprezando as suas ocorrências em outros espaços, e porque também investe numa desmistificação dos conceitos de “modernidade” e “modernização”, quando direcionados única e exclusivamente para uma aplicação em locais centralizadores das potências econômicas do eixo norte. Na explicação de Daniel M. Laks,

A partir da ideia de que a modernidade é a expressão do racionalismo ocidental, criou-se a contingência da universalização da cultura eurocêntrica como um evento natural do desencadeamento histórico. Este sistema de pensamento cria uma lógica de superioridade cultural que mascarava a possibilidade de se pensar a modernidade como uma complexa e heterogênea dinâmica geopolítica. Assim, mais do que estabelecer a diferença etimológica entre esses conceitos-chave para se pensar a produção estética modernista de Mário de Andrade e Almada Negreiros, torna-se necessário desfazer um entrave epistêmico comum em trabalhos que discutem o chamado “modernismo periférico”: a ideia de atraso ou a ideia de que a produção modernista, em determinados espaços geopolíticos, se configura como aplicação de um discurso tecnicamente inovador, gerado em locais onde se experimentava a autoconsciência histórica de uma viragem de época, posto a serviço de uma temática nacional em países periféricos (p. 18).

Assim, sem cair em lugares-comuns de definições vazias e sem propor respostas simplistas, Daniel opta por reconhecer a dificuldade em conseguir unificar toda uma diversidade de interrogações suscitadas pela expressão “modernismo”, destrinchando uma heterogeneidade e uma multilinearidade próprias das muitas propostas estéticas envolvidas nesse conjunto. Não à toa, a sua conclusão reforça essa percepção, ao sublinhar que

[...] a heterogeneidade modernista estava ligada ao ideal de viragem histórica que se processava tanto no contexto de ressignificação das estruturas internas de cada país quanto nas relações entre as diferentes nações. A diversidade de locais de enunciação específicos dentro do mapa de eclosão de focos modernistas ao longo do século XX ajuda a explicar a heterogeneidade das propostas suscitadas, na medida em que diferentes países têm aspirações diversas e partem de condições culturais e históricas específicas. Entretanto, mesmo pensando-se em um único espaço geopolítico, o modernismo englobou uma gama variada de propostas estéticas e grupos diversos que, muitas vezes, se apresentaram como atores sociais em campos rivais (p. 160).

Não se trata, portanto, de comparar dois autores de língua portuguesa por uma simples aproximação ou comunhão de ideias, nem tão pouco de pensar o modernismo, a modernidade e os seus correlatos pelo viés único da irmandade. Ao contrário, aqui, todo esse conjunto é articulado pelas dissidências, pelas diferenças, pelas discordâncias e pelas heterogeneidades das mais distintas ordens. Por isso, o repertório crítico escolhido para mostrar essa obliquidade dos conceitos, que acaba por gerar a transversalidade do/no ensaio de Daniel Laks, explicita as capilaridades estéticas e conceituais.

Assim, de Jügen Habermas a Marshall Berman, de Perry Anderson a Fernando Rosenberg, de Hommi Bhabha a Mark Antliff, passando por Walter Benjamin, Theodor Adorno, Walter Adamson, Emily Braun, Peter Burger, Wassily Kandinsky, Antonio Gramsci, Antonio Pedro Pita, Erwin Panofsky, James A. W. Heffernan, Hans Robert Jauss e Felippo Tommaso Marinetti (além de outros articulados ao longo dos capítulos subsequentes), Daniel Laks vai desfiando um bordado em que linhas estéticas, filosóficas, sociológicas e históricas se embaralham sem perder, no entanto, o fio da meada que o interessa, qual seja, o de olhar Mário de Andrade e Almada Negreiros como escritores enraizados e voltados para as suas realidades nacionais e cosmopolitas, mas sem aquela ideia de influência como índice hierarquizador entre as modernidades eurocêntricas, já que estas não comparecem como fármacos para remediar as condições de atraso dos dois países. Desse modo, esclarece-nos o autor:

Assim, a fim de discutir as propostas estéticas preconizadas por Mário de Andrade e Almada Negreiros, é necessário primeiro compreender as relações que essas estabeleceram com uma autoconsciência histórica de modernidade, o que essa autoconsciência de pertencimento a um novo período significou, na obra de cada um desses autores, como entendimento de espaço e tempo. Além disso, é necessário estabelecer relações e clivagens entre a autoconsciência histórica de modernidade, presente nas propostas do modernismo brasileiro e do modernismo português, das autoconsciências históricas de outros movimentos culturais que participaram deste cenário de forças durante o século XX. A partir da investigação das diferenças entre essas autoconsciências históricas, poderemos apontar caminhos possíveis para desconstruir a ideia de atraso, tanto no modernismo brasileiro quanto no modernismo português (p. 47).

Munido, portanto, com esse espírito inquietante, procura desvincular a já pré-concebida e congelada ideia de atraso nos modernismos brasileiro e português. Por isso, no capítulo 3 (“Futurista?! Em busca de uma expressão moderna de nacionalidade”), ao refletir sobre as complexas relações dos autores estudados com o Futurismo de Marinetti, por exemplo, Daniel Marinho Laks não abre mão de defender o seu ponto de vista. Em relação a Mário de Andrade, por exemplo, sublinha a apropriação estética de certos postulados da corrente de vanguarda e, ao mesmo tempo, a sua recusa em ser associado a ela, em virtude da posição política do mentor italiano. Já em relação a Almada Negreiros, destaca o caráter contestatório e irônico desse poeta, a adesão dele a outras correntes artísticas contemporâneas, assim como a singularidade em fazer-se outros, não na recorrência ao desdobramento heteronímico,

mas na busca por diversas linguagens, capazes de aglutinar a sua multiplicidade criadora. Assim, acertadamente, conclui o autor:

Almada não se dividia em heterônimos para sentir tudo de todas as maneiras, ele sempre se manteve único no nome, ainda que múltiplo nas filiações artísticas, mesmo que diversas dessas filiações artísticas não soassem muito compatíveis umas com as outras. Dessa forma, Almada Negreiros experimentava o mundo através da dança, do teatro, da conferência, da poesia e da prosa numa pluralidade de linguagens (p. 70).-

Ora, essa nítida saída de certos lugares-comuns, construídos, muitas vezes, por curadores de espólio, que mais parecem donos de restos mortais com uma regência autoritária, arbitrária e fechada, é que dá ao ensaísmo de Daniel Marinho Laks um caráter convidativo e (por que não dizer?) inovador. Sem deixar de respeitar as ricas fortunas críticas dos dois escritores, Daniel desfila o seu domínio sobre tais repertórios com um à vontade que mais seduz do que assusta o leitor. Por isso, nos dois capítulos subsequentes (“Modernismos em modernidades incipientes” e “Modernismos e Estados Novos”), autônomos entre si, mas extremamente interdependentes e dialogantes, o leitor depara-se com uma robusta e corpulenta análise das inventivas estéticas e, em seguida, dos contextos sócio-políticos em que estas se concretizaram.

Não será esse empreendimento exatamente aquilo que Silva Lima (1964, p. 57) tentou designar de *conatus*, ou seja, aquele “esforço pessoal do pensar autônomo, original”, associado a uma “heroica tensão do indivíduo que opera uma ofensiva sobre as coisas”? Acredito que sim, tanto que a reflexão tecida caminha pela análise das narrativas de viagem, dos deslocamentos, do espírito formador que elas empenham nos dois autores e das multiplicidades estéticas exploradas até às últimas consequências. Na verdade, todas essas incidências, graças ao olhar escrutinador de Daniel, acabam por aproximar textos tão diferentes entre si, mas tão irmanados num projeto de consecução modernista dos seus autores, como são os casos de *O turista aprendiz* (1977 – diário sobre as viagens realizadas em 1927 e 1928) e *Café* (1929 – romance inacabado), de Mário de Andrade, e *Nome de guerra* (1925/1938), de Almada Negreiros.

Sem querer roubar o prazer ao leitor, deixo como exemplo dois trechos em que o autor conclui as suas linhas de análise sobre os dois escritores:

Nome de guerra é a narrativa da trajetória de conquista dessa altura da coletividade imaginada por Almada Negreiros. Sem antes o indivíduo conquistar o íntimo pessoal, tudo o que a sociedade faria seria eliminar o

destino pessoal de cada indivíduo: “A sociedade só tem a ver com todos, não tem nada que cheirar com cada um!”. Este *telos*, de que a individualidade é uma conquista de cada um para se formar como indivíduo digno da composição da coletividade, expresso nos capítulos teóricos iniciais, foi desenvolvido ao longo da narrativa. Assim, o processo de conquista da individualidade se coloca como um processo ativo, no qual o personagem passa por diversos lugares sociais que outros imaginaram para ele antes de conseguir se desvencilhar desses lugares para descobrir o seu próprio destino pessoal (p. 98).

Além da mentalidade provinciana, Mário guarda nos horizontes da sua política da arte o combate à mentalidade escravagista brasileira, herança do colonialismo. Da mesma forma que o pensamento provinciano das elites urbanas expressava o atraso cultural brasileiro, a mentalidade escravagista, ainda presente em partes do país, era responsável por uma naturalização dos processos de exclusão social, dois efeitos de uma política de privilégios em áreas diferentes do país: “Uma das manifestações humanas mais chocantes de todo o Nordeste é a conservação, muito generalizada ainda, dessa psicologia escravagista que divide claramente a coletividade nordestina em duas classes: o senhor e o escravo” (p. 123).

Vale lembrar que, se, como propõe João Barrento (2010), o ensaio é um gênero intranquilo, onde a própria intranquilidade do autor constitui uma marca irrevogável do seu estilo, não se poderá negar que esse estatuto se faz presente ao longo das páginas de *Modernismos em modernidades incipientes*. E, se tal inquietude se mostra na sua reverberação máxima, sobretudo no capítulo em que analisa as relações dos seus escritores com os sistemas políticos autoritários de Portugal e do Brasil, respectivamente, o Salazarismo e o Estado Novo Vargasista, as análises pontuais sobre o posicionamento contrário explícito ao regime de Vargas e a adesão de Mário de Andrade ao grupo dos “defensores da redemocratização do país” (p. 132), o olhar satírico e irreverente de Fernando Pessoa (*apud* LAKS, 2020, p. 128) sobre a figura do líder português (“Este senhor Salazar/ É feito de sal e azar”), o olhar descrente de Almada Negreiros para a “democracia herdeira dos ideais iluministas” (p. 137) e sua posição como um “apolítico involuntário [...] mantendo-se crítico aos diferentes regimes de poder” (p. 137) podem ser compreendidos como instrumentos eficazes de leitura, exatamente, porque reintegram os escritores abordados numa outra ordem, que não aquela de simpatia aos regimes totalitários. E, se não os mostra como autênticos combatentes (até porque há muita ambiguidade quando o assunto é o posicionamento dos escritores, pelo menos, os portugueses), só por investir nas relações complexas e duvidosas que aqueles mantinham com os regimes políticos, faz do ensaio de Daniel Marinho Laks um convite altamente sedutor ao seu leitor.

Não será por acaso, portanto, que a saída – muito inteligente e perspicaz, diga-se de passagem – em ver as relações de Almada Negreiros e Mário de Andrade com os seus respectivos espaços nacionais pelo viés da “produção da nação na forma de nação imaginada” (p. 151), a partir das proposições de Benedict Anderson, constitui, no meu entender, uma mais valia, um ganho para se pensar os dois escritores fora dos eixos comumente explorados do viés exclusivo das inovações estéticas. Como bem esclarece Daniel Marinho Laks:

Os projetos de modernização cultural e social defendidos por Mário de Andrade e Almada Negreiros foram aqui apresentados exatamente como parte constituinte desses espaços de divergências possíveis no interior do sistema, relacionáveis com sua capacidade adaptativa. Os agenciamentos de Mário de Andrade junto ao Estado Novo brasileiro e de Almada Negreiros junto ao Estado Novo português não significaram uma cooptação dos autores por parte do Estado e nem uma coincidência entre os ideais dos artistas e dos sistemas políticos de governança. A importância conferida aos diferentes movimentos modernistas no campo artístico do século XX, inclusive anteriormente à fundação dos Estados Novos, criava um espaço de trânsito para esses projetos artísticos de modernização cultural e social no interior do campo de disputas políticas, espaço este que soube ser capitalizado pelos Estados Novos. As incongruências entre os projetos dos artistas e o discurso ideológico dos Estados Novos funcionam também como estímulo para a reavaliação da maneira como esses intelectuais são interpretados à luz da história, frente a matrizes totalitárias de governança, mercados limitados de bens culturais e entendimentos cambiantes do papel da arte e da cultura na dinâmica da marcha das sociedades que caracterizaram as produções artísticas modernistas no século XX (p. 158).

Quero ainda ressaltar que deslocar os dois nomes estudados de um *locus* puramente artístico para uma conjunção política conflitante não quer dizer que o autor não privilegie as inovações estéticas presentes nos projetos dos dois escritores e não reconheça a sua relevância. No meu entender, a grande questão centra-se na articulação entre essas e as conjunções políticas, convidando-nos, assim, a trilhar um outro caminho de reflexão. Talvez, por isso, a melhor imagem que fica para esse ensaio de Daniel Marinho Laks seja exatamente aquela sugerida por João Barrento (2010, p. 29), em *O gênero intranquilo*: “o ensaio pode ser também um namoro, um modo de sedução, uma técnica de engate em relação ao seu objeto”.

Não consigo ver uma outra imagem mais adequada para esse mesmo prazer, se não aquela elaborada por João Barrento, em que a erótica textual não se desvincula da práxis reflexiva. Se, realmente, assim é, então,

montado e defendido o *ménage à trois* a partir da tríade Mário de Andrade / Almada Negreiros / Daniel Marinho Laks, o leitor pode se sentir instado a entrar nesse jogo de sedução, desde que compreenda que tal investimento é puramente intelectual e metafórico. A única garantia, na verdade, é a do prazer da leitura do ensaio e a do sabor do conhecimento, porque esses, como bem sugere Roland Barthes, podem ser encontrados também no *brio* do texto, e, mais ainda, no meu entender, no ensaio de Daniel Laks: “lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos – que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas” (BARTHES, 1987, p. 21).

De uma forma geral, *Modernismos em modernidades incipientes* de Daniel Marinho Laks constitui um ensaio que exaure os campos conceituais e teóricos, com um alentado olhar tanto sobre os principais nomes envolvidos nas discussões em torno dos modernismos, da modernidade e da modernização, como sobre os dois autores e as obras elencadas ao longo da análise. Mas, vale reiterar, o texto exaure, mas longe está de ser exaustivo. Pelo contrário, seduz e convida constantemente o leitor a entrar nessa rede estabelecida pelas proposições e a acompanhar essa aventura da leitura comparativa entre Mário de Andrade e Almada Negreiros.

Sem incipiências e sem medo de arriscar, as linhas tecidas pelo jovem professor deixam não só reverberar em grandes ondas intertextuais o ideológico e o imaginário dos escritores elencados na sua análise, mas também reiterar a sua linha de raciocínio, com um apelo sedutor: o de que outros trabalhos de investigação científica invistam na proposta de “dissociar de forma definitiva, a relação estabelecida entre os modernismos produzidos em língua portuguesa e a noção de modernismos periféricos ou atraso cultural” (p. 166).

Que assim seja. Bem haja!

REFERÊNCIAS

BARRENTO, João. *A palavra transversal: literatura e ideias no século XX*. Lisboa: Edições Cotovia, 1996.

BARRENTO, João. *O gênero intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LIMA, Silva. *Ensaio sobre a essência do ensaio*. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1964.

Recebido: 22/1/2021

Aceito: 8/4/2021

Publicado: 23/6/2021